

## APRESENTAÇÃO

O presente número dos Cadernos CERU prioriza a reflexão sobre o campo, analisado também em suas relações com a cidade enquanto realidades dinâmicas e em constante transformação. Vale inicialmente comentar sobre a visão que manteve separados campo e cidade como realidades distintas e contrastantes. Essa separação foi acentuada com o desenvolvimento da urbanização, o que alimentou a idéia de que o campo era algo atrasado, tradicional, em contraposição à cidade, entendida como lugar de modernidade, de progresso, da administração, da fonte do saber e do conhecimento, também das multidões e de melhores possibilidades de vida. Reexaminar essa suposta dicotomia e essa oposição permite dar visibilidade às transformações e às interligações que existem entre campo e cidade, perceber como as relações sociais se materializam, como se desenvolvem a comunicação e a forma e os significados dados ao uso dos espaços.

A tradição sociológica brasileira já teve como base a visão dicotômica de Jacques Lambert, que, em sua conhecida obra “Os dois Brasis”, muito contribuiu para a difusão errônea de uma realidade bipartida e estanque, como se suas “partes” tivessem vida independente. Mas a reação a essa posição também é antiga. Basta mencionar aqui Maria Isaura Pereira de Queiroz, que sempre salientou a interdependência entre tradição e modernidade, entre rural e urbano no Brasil.<sup>1</sup> A velocidade das transformações do mundo moderno e o desenvolvimento das comunicações impediriam, mesmo que se quisesse, que o campo e a cidade permanecessem isolados e sem se influenciar mutuamente. A vida nas cidades é repleta de costumes que acompanham aqueles que migram do campo; por sua vez, existe hoje uma perspectiva de retorno ao campo e de desenvolvimento de atividades não rurais nesse espaço. Assim, campo e cidade são cenários com dimensões distintas de uma mesma realidade. Trata-se da realidade capitalista que enraíza formas de sociabilidade, instituições e valores que expressam a urbanização do mundo.<sup>2</sup> Para Mendras, o campo é hoje um lugar de vida, mais

<sup>1</sup> Ver a esse respeito Maria Isaura Pereira de Queiroz. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. São Paulo: EDUSP/ Rio de Janeiro: LTC, 1978.

<sup>2</sup> Ver Octavio Ianni. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

do que um espaço de produção agrícola, formulação que contribuiu para a contraposição à visão dualista que entendia o rural e o urbano como duas realidades distintas.<sup>3</sup>

Assim, os estudos sobre desenvolvimento rural, em que, por muito tempo, se enfatizou a dependência do mundo rural em relação às áreas urbanas, recentemente têm procurado destacar o papel dinâmico que os espaços rurais podem desempenhar no desenvolvimento regional. Esses estudos, realizados em contexto brasileiro vêm atraindo profissionais de diferentes áreas: economistas, geógrafos, sociólogos, antropólogos, historiadores, educadores, procurando incorporar uma dimensão espacial aos estudos sobre agricultura, concentração econômica sucroalcooleira, degradação do meio ambiente, estudos esses ainda vinculados às novas frentes de ocupação territorial. A questão ambiental é uma nova preocupação inserida nas discussões do mundo rural. Esse mundo no qual o ambiente natural predomina sobre o construído, esse rural oferece ainda campos para uma análise das relações sociais, organizada entre os grupos humanos e os meios naturais.

Os artigos contidos neste número permitirão ao leitor fazer uma crítica dos mecanismos de exploração e de dominação contidos tanto no mundo rural como no meio urbano; mesmo levando em conta as peculiaridades e as especificidades de cada estudo, percebe-se logo que o campo e a cidade estão estreitamente relacionados. Assim, os textos aqui incluídos ainda chamam a atenção para a dinâmica que os espaços rurais assumem na contemporaneidade. A ruralidade se expressa de diferentes maneiras como representação social, com práticas distintas em universos culturais heterogêneos. Desse modo, o rural e o urbano correspondem a representações de acordo com o universo simbólico em que estão inseridas.

Patrícia Alves Ramiro e Maria Inês Rauter Mancuso abrem a discussão sobre o campo revisitado e sobre o retorno e a permanência no meio rural. O estudo recupera dois estudos feitos em momentos e locais distintos do Estado de São Paulo buscando comparar a percepção que indivíduos e grupos residindo na zona rural têm sobre o campo e a cidade, utilizando essa percepção para justificar seus movimentos migratórios ou a ausência do desejo de migração. A releitura do primeiro dos estudos realizado na década de 70 foi com base nas preocupações do segundo estudo, já no início do século XXI, o qual desempenhou, portanto, o papel de quadro social da memória. O primeiro dos momentos vividos é representado, de maneira atualizada, pelas preocupações suscitadas no segundo. A impressão deste trabalho, porém, destaca a similitude das representações que se têm, uns e outros, do campo e da cidade, apesar dos momentos e lugares diferentes. Uma questão relevante que aparece na pesquisa de Mancuso (1975) e ainda hoje é similar nos estudos de Sociologia Rural, alterando-se apenas as represen-

<sup>3</sup> Ver Henri Mendras. *Sociologie de la campagne française*. Paris: PUF, 1959. Col. Que sais-je?

tações reais e ideais apresentadas, é a da ambiguidade da realidade entre o urbano e o rural. Os depoimentos permanecem sempre vacilando entre as atrações percebidas no ambiente urbano e as vantagens de permanecer no meio rural, ou seja, as pessoas, para realizarem suas escolhas, organizam-nas manifestamente com base em um balanço entre as vantagens de um e de outro meio. Realizam o que Mancuso chama de “balanço permanência-migração”, no qual a opção de ficar no campo é resultado de forças funcionais decorrentes das forças contrárias à evasão ativadas. Para diversas pessoas entrevistadas no início do século XXI, o retorno ou a permanência na terra aparece como sinônimo de moradia, de trabalho, de estabilidade e de tranquilidade. Isso porque, ao fazerem um balanço de sua trajetória de vida, sentem que alguns valores, muitas vezes derrotados por outras vantagens imaginadas na vida citadina em décadas antecedentes, retornam agora para reafirmar ou revalidar as vantagens do meio rural.

O texto de Lia Pinheiro Barbosa e Sandra Maria Gadelha de Carvalho, “A escolarização dos trabalhadores e trabalhadoras nas áreas de assentamentos rurais no Ceará”, analisa o projeto de escolarização desenvolvido pela Universidade Federal do Ceará, no âmbito do PRONERA. Esse projeto tem o INCRA como parceiro, bem como a Secretaria de Educação Básica do governo cearense, os Centros de Educação de Jovens e Adultos e o MST. O texto discute o papel atribuído pelos movimentos sociais à educação no processo de reforma agrária e conclui evidenciando as dificuldades que muitos alunos têm para estudar e os problemas que retardam o processo, como a falta de material escolar, a descrença e o desânimo de muitos estudantes, a burocracia que atrasa o programa, finalizando com uma consideração relevante referente à necessidade de se retomar o debate em torno da ampliação dos espaços públicos a serem destinados à efetiva participação da sociedade civil e ao papel do Estado nesse processo.

Senilde Guanaes, ao escrever “A educação ambiental sob a perspectiva da Antropologia e da Educação”, visou a contribuir para a discussão, mais freqüente atualmente, sobre o socioambientalismo e sobre como a Antropologia e a Educação podem levar ao aprofundamento do tema. O estudo empírico foi desenvolvido junto à União dos Moradores da Jureia, movimento que luta pelos direitos ambientais e que tem trabalhado ativamente no sentido de despertar a consciência para a preservação do ambiente e a proposição de políticas e propostas voltadas para direitos socioambientais de moradia, acesso e uso dos recursos naturais.

O estudo “Patrimonialidade ambiental e pertencimento em assentamentos rurais: reflexões e indicadores de pesquisa”, de Claudionor Renato da Silva e Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante, tem como foco verificar a aplicabilidade e a potencialidade dos conceitos de patrimonialidade e pertencimento nos assentamentos rurais tendo em mira as questões relacionadas ao meio ambiente. Foi desenvolvido um estudo de caso e analisada extensa bibliografia, com base no que os autores chegaram à conclusão de

que ambos os conceitos aparecem na documentação e nas falas dos entrevistados, bem como na proposta dos órgãos gestores públicos. Destaca a necessidade de um envolvimento maior tanto dos assentados como dos órgãos gestores, e universidades no sentido de apresentarem propostas visando ações de gestão do patrimônio ambiental e recuperação de áreas devastadas.

José Giacomo Baccarin, José Jorge Gebara e Aline Alberoni Rosada, em “Avanço recente da concentração econômica sucroalcooleira no centro-sul do Brasil”, analisam como a concentração econômica tem evoluído na região central e sul do país desde o fim do século passado, mostrando que se verifica atualmente uma queda no nível de concentração, embora também esteja ocorrendo aumento da concentração de empresas.

A seguir o trabalho de Danton Leonel de Camargo Bini, “Reestruturação produtiva no setor sucroalcooleiro e relações sociais de gênero no trabalho agrícola no município de Serrana”, chama a atenção para a crescente mecanização da agricultura canavieira, geradora de uma reestruturação na divisão sócio-espacial do trabalho nesse setor e para a revolução que se constata atualmente no gerenciamento e monitoramento das operações nas lavouras e nas fábricas agrícolas. Entre as transformações verificadas, mereceram destaque do autor, em primeiro lugar, a que se refere à diminuição da oferta de empregos no campo para as mulheres, que decresceu significativamente em Serrana, devido à mecanização crescente e ao fato, daí decorrente, de não se incorporar o sexo feminino na operação de máquinas colheitadeiras.

Jean Carlo Faustini aparece logo após, com seu estudo “O caipira, o boi e a viola: representação e superação simbólica do caipira diante do êxodo rural em São Paulo”. Em que analisa modas de viola que têm como tema o boi, visando à reconstrução da narrativa geral formada por essas músicas. Ficam aí evidentes as tensões e dilemas vivenciados pelo caipira diante do êxodo rural no Brasil. A escolha do tema do boi decorre do fato de este ser um elemento unificador da cultura popular nacional. A análise das modas de viola revela o que há de desarmônico nas relações de afeto e sociabilidade no campo e como a nova condição na cidade parece exigir uma separação entre razão e sensibilidade. A história contada pelas canções é uma história de adaptações culturais, de luta pela afirmação da dignidade e, principalmente, de busca por reconhecimento. Tanto a música como a festa camponesa expressam a crise dos valores do passado ligados à produção agrícola e ainda a retomada de elementos da cultura camponesa num outro contexto, fazendo emergir a dominação da lógica capitalista sobre os valores tradicionais.<sup>4</sup>

O texto seguinte, de Débora Franco Lerrer, “A militância como devoção: a primeira geração de militantes do MST”, mostra como se deu o

---

<sup>4</sup> Ver Maria José Carneiro. Ruralidade: novas identidades em construção. Estudos (sociedade e agricultura). Rio de Janeiro, UFRJ, v. 11, out. 1998.

processo de expansão do MST para o Nordeste, com o envio de militantes do Sul, especialmente de Santa Catarina, entre 1985 e 1988. Fica evidente, no decorrer da leitura das trajetórias desses militantes, como foi sendo construído um estilo de militância, caracterizado pela dedicação e pelo empenho de jovens de diversas origens e missionários religiosos católicos, que deram origem à identidade dos “sem-terra”. A autora revela que benefícios não materiais diversos constituíram a recompensa pelos sacrifícios vivenciados por esses militantes: a extensão do capital social, com a notoriedade adquirida e a expansão da rede de suas relações sociais, as oportunidades de encontrar com representantes de outros ambientes sociais, com personalidades de destaque, que reverteram positivamente tanto para o movimento como individualmente, bem como para sua família. A isso se somam a solidariedade, a camaradagem, a comunidade de gostos e sentimentos experimentadas nesses grupos, que se tornaram ganhos individuais objetivos. Seu trabalho é encarado como “tarefa” que leva a construir o MST no Nordeste. Embora tentando se afastar de suas origens confessionais, não perderam seus traços comuns com a atuação de padres e agentes de pastorais. Sua “missão” é algo de que não podem se desprender, embora sempre haja o risco de não dar certo. Para mudar é preciso arriscar.

O texto de Maria Regina Clivati Capelo, “Do campo para a cidade: memórias e histórias de migrantes não-alfabetizados”, evidencia o que se afirmou no começo: o mundo rural está estreitamente ligado ao urbano. As migrações constituem um fenômeno que existe no Brasil há muito tempo, intensificado desde a década de 40 do século passado, quando o processo de industrialização se acelerou e atraiu levadas incontáveis de migrantes nordestinos para São Paulo. Nesse texto, a autora analisa experiências educativas de trabalhadores analfabetos oriundos do campo nos Estados de São Paulo e Paraná e as estratégias de que os entrevistados se valeram para superar as dificuldades encontradas para viver em cidades médias e grandes, em que se pressupõe como requisito básico o domínio da língua escrita. Suas considerações finais mostram que os sujeitos de seu estudo estão conscientes de que, embora possam ter melhorado de padrão de vida ao vir para os centros urbanos, tiveram uma queda de qualidade de vida e, por isso mesmo, sentem saudade dos tempos passados. São as mulheres, entre os entrevistados, aquelas que mais valorizam a vida na cidade devido à elevação das condições de vida. O espaço urbano lhes deu oportunidade de penetrar no mercado de trabalho, de aprender o que lhes era negado no campo, onde não frequentavam escola, e até aprenderam a lutar por seus direitos sociais, mais do que os próprios homens. Somente com o passar dos tempos é que lhes foi possível ter consciência da exploração de que foram vítimas e hoje confessam ter tido vergonha por serem desinformados e medo de serem enganados.

O estudo de Maria Dolores Vargas Llovera prioriza a questão de cidades européias que se convertem hoje em espaços de desigualdade social em decorrência do grande fluxo migratório decorrente da trajetória sul-norte, decorrente dos problemas da globalização. As mesclas culturais passam a ser um complicador no que tange as convivências entre nativos e novatos e ainda uma barreira para as tentativas de inserção dos imigrantes. Os espaços, lugares ou zonas da cidade receptora degradados passam a ser ocupado pela população recém-chegada e as novas sociabilidades desenvolvidas favorecem para o surgimento de guetos. Esses espaços são delimitados por fronteiras invisíveis fisicamente, porém simbolicamente visíveis. Essas zonas degradadas física e social passam a ser considerada como lugares violentos, perigosos; é negada aos seus moradores sua inclusão como cidadãos e isso favorece para seu confinamento físico, social e cultural. Os novos grupos buscam redefinir suas práticas e códigos culturais; dessa maneira, fundamentando-se na relação de alteridade os considerados “de fora” (grupos de imigrantes) permanecem entre a segregação e a busca de formas de fortalecimento de identidade tendo como base o sentimento de pertencimento a localidade de origem. A segregação humana tanto no campo como na cidade pode ser entendida por meio dos mecanismos de distribuição desigual inerente ao sistema capitalista. A exclusão, a injustiça social, a intolerância refletem questões atuais, dando espaço ao surgimento de nichos de segregação, de situações contraditórias que se irradiam tanto em zonas rurais como em zonas urbanas no mundo contemporâneo.

Por fim, Luciane Cristina de Oliveira completa o presente número dos Cadernos CERU, tratando de uma questão um tanto distinta dos textos anteriores, “A renovação católica: renovação dos ares tradicionais”. Procura mostrar em seu artigo como as regras do discurso do movimento religioso da Renovação Carismática Católica modelam a identidade dos fieis, impondo-lhes um novo padrão de vida. Seu estudo baseou-se em observação participante dos rituais, na análise da literatura do grupo carismático, dos discursos e dos programas veiculados pela TV Canção Nova. Essas normas só estão acessíveis aos membros do grupo ou àqueles que têm a intenção de nele ingressar tendo em vista o desejo de não intimidarem os interessados em se aproximar do movimento. A ação desenvolvida pelo grupo é constante, sem interromper a transmissão televisiva por nenhum momento, com o objetivo de animar a todos os membros e interessados, para vencer a rotina que pode levar ao desânimo e abandono. As exigências mais fortes são dirigidas às mulheres, de quem não se admitem falhas. O modelo a seguir é o exemplo de Maria. Dos homens podem se esperar certos excessos por causa do assim chamado “instinto masculino”, o que leva a certa condescendência em seu favor. A autora conclui chamando a atenção para o fato de o movimento carismático reatualizar os conceitos tradicionais, enfatizando a participação dos leigos, mas sem esquecer a tradição, reafirmando a ne-

cessidade de frequência aos sacramentos, da leitura da Bíblia e de observação dos preceitos morais.

A resenha deste número dos Cadernos CERU contempla uma obra recém lançada pelo Grupo Fronteira, “Historia e memórias das três fronteiras: Brasil, Peru e Bolívia”, publicada pela EDUC. Maria Dulce Simões faz uma análise bastante interessante, salientando aspectos peculiares que o livro – cuja primeira edição foi em castelhano – mostra em relação às fronteiras tão permeáveis entre os três países sulamericanos, onde se deslocam populações multiétnicas, ocupando espaços e explorando de diversas formas os recursos naturais. A primeira parte do livro analisa a evolução histórica e social da tríplice fronteira e a segunda, os traços culturais das povoações fronteiriças. A exploração colonial e as estratégias de sobrevivência adotadas pelos povos indígenas são abordadas criticamente e certamente a leitura da obra irá trazer um outro olhar sobre uma região pouco conhecida, mas palco de muitas transformações nos tempos atuais.

Para a realização do volume 20, n.2 dos Cadernos CERU queremos expressar nossos agradecimentos especiais aos autores por sua valiosa contribuição no envio de seus textos, à Comissão Editorial da Revista, aos assessores que, com muita competência, emitem seus pareceres, e à Tatiane Severino, que, à frente da secretaria do CERU, cria as condições de infraestrutura necessária para a publicação de nossa revista. E, por último, mas não menos importante, é preciso manifestar ainda nossos agradecimentos ao Programa de Apoio às Publicações Científicas Periódicas da USP pelo apoio concedido a esta publicação.

Célia Regina de Toledo Lucena  
Maria Christina Siqueira de Souza Campos

São Paulo, 1 dezembro de 2009